

“Zuppi? Um padre que ama caminhar com seu povo”

Pe. Carrón, guia de CL, está na cidade por conta de seu último livro
por Luca Orsi

BOLONHA recebe Pe. Julián Carrón, número um de Comunhão e Libertação, no auge do debate sobre o futuro da Igreja.

Presidente, a dois anos e meio de sua eleição, de acordo com alguns, o Papa Francisco não teria conseguido incidir em profundidade com seu programa de reformas. De acordo com outros, a mudança é visível.

Não se faz uma reforma de um dia para o outro. Por outro lado, as mudanças em curso na sociedade são epocais, estamos diante de desafios com os quais, há pouco tempo, nem sequer sonharíamos. É preciso algum tempo para julgar o quanto as reformas se enraizam no corpo da Igreja e chegam aos homens a que se dirigem. Em todo caso, parece-me que certos passos dados constituem um divisor de águas, devido ao modo com que a Igreja se posiciona frente aos homens de nosso tempo. Apoiado em Cristo, o Papa avança seguro, e isto me enche de paz.

Os ataques do Isis estão a um passo de criar um conflito entre religiões. Como evitá-lo? Como relacionar-se com o islamismo na Itália?

Não me parece que o cerne da questão seja um conflito entre religiões. Como apontaram os mais diversos observadores, de Gianni Vattimo a Olivier Roy, a origem é o vazio que vivem muitos jovens muçulmanos ou europeus convertidos ao islamismo, que para alguns desemboca na violência. A um vazio responde-se só com uma plenitude de vida, de intensidade, de atração.

Como ajustar-se ao fenômeno bíblico da imigração: como conjugar acolhimento/misericórdia e segurança?

Não cabe a mim identificar como resolver o problema da segurança: há pessoas muito mais capacitadas que podem oferecer sugestões pertinentes. A chegada de refugiados e de imigrantes é percebida por mim, assim como por qualquer pessoa, como uma chamada de atenção a viver com eles aquela postura de acolhimento e de misericórdia da qual nós, em primeiro lugar, somos objeto.

Há quem veja certa frieza do Papa em relação a CL, um movimento talvez considerado mais “distante” que outros da... linha Bergoglio. O que o senhor pensa a respeito?

Não nos interessa fazer uma competição entre quem é mais bergogliano. A nós interessa levar a sério as indicações do Papa para a nossa conversão, sobretudo o convite que nos dirigiu na Praça São Pedro, no dia 7 de março: “Centrados em Cristo e no Evangelho, vós podeis ser braços, mãos, pés, mente e coração de uma Igreja ‘em saída’”, com a paixão de comunicar a todo homem a beleza da fé.

Cada vez mais cidadãos se afastam da política. Como convocá-los ao empenho (cristãos e não cristãos)?

Este é um teste da crise que estamos vivendo, pela qual muita gente não consegue mover-se nem sequer naquele último vínculo com a política que é o voto. A abstenção é um exemplo da dificuldade em encontrar propostas que possam interessar. É preciso uma educação para se redescobrir que o outro é um bem para si e que o bem de todos é uma responsabilidade de cada um.

Em Bolonha, depois de dois cardeais próximos a CL (Biffi e Caffarra), muda-se a rota com a nomeação de Zuppi. O que o senhor pensa a respeito?

Não o conheço, mas os amigos de Roma falam-me dele há algum tempo como de um padre que ama caminhar com seu povo, como fizeram seus predecessores na cátedra de São Petrónio. “Queiram-me bem pelo que sou. O amor de vocês me mudará”. Só um pastor que acredita no método de Deus pode escrever essas palavras cheias de simpatia, dirigindo-se a uma diocese ainda desconhecida.

O que é a “beleza desarmada”?

São Tomás diz que “a beleza é o esplendor da verdade”; a verdade não precisa de ajudas externas ou de uma imposição com a força, basta sua beleza para se comunicar. Neste momento, pareceu-me um título adequado para oferecer uma contribuição que se voltasse de modo “desarmado” à razão e à liberdade do homem, sem forçar.